



Director literario:

António
PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:

Eduardo Malfa
PAPUSSE

A BORBOLETA AZUL

POR MARIA BRANCO
Ilustrações de Edvardo Malfa



gos, sujeitando-se às graves

AO conhecera os pais. Desde pequerrucho vivia em companhia da sr.^a Marta, essa velhota intolerável e rabujenta que o obrigava a roubar.

Larapiava a herva pelos valados, as hortaliças e as frutas pelas hortas regadinhas, ao tempo da sesta, e adrejava mesmo a esgueirar-se pelos quintalorios e cerrados, horas mortas da noite, em cata dos ovos e dos frangos, consequencias de flagrante delito.

Já por vezes, fiéis rafeiros, lhe haviam esfrangalhado os calções e ulcerado as pernas franzinas.

Queixando-se, aturava da velha os piores insultos.

—Para que me força a roubar? Ha tanto trabalhinho honesto, onde eu gostaria de ganhar a vida... —balbuciava a medo o pobre José.

—Que podias fazer, lambisgoia de má-morte, tu que nem para furtar prestas — respondia-lhe altivamente a companheira.

José sentia-se horrivelmente triste. Fugir? Libertar-se de uma vez para sempre de toda aquela ignominia!

Ha dois anos que tentara a evasão... mas logo, como por bruxedo, a sr.^a Marta lhe adivinhara os desígnios.

Duas noites inteiras o fechara no forno abandonado da floresta, onde os gnomos e as repelentes feiticeiras maquinavam as piores crueldades.

Ouvia o ferver continuo dos grandes caldeirões de cobre, escutára o pavoroso riso escarninho das bruxas e o ranger de cadeias e grilhões sem fim...

Ha endoidecendo de pavôr!

Ora, certa manhã, a sr.^a Marta, chamando-o à porta do casebre, apontou-lhe com o encarquilhado indicador, um pomar, que ao longe remendava de verde escuro, a chã esmetaldina de vinha e de milheirais.

—Vês além aquelas laranjeiras carregadinhas de pomos doirados? Corre a encher-me esta saca e ai de ti se ela não vier a reventar de fruto.

Estendera-lhe uma serapilheira desfiada e nauseabunda. Sobreando a linhagem, o desditoso José pensava de ante-mão como conseguiria galgar o muro, caidinho de fresco, que riscava a branco, o rectangulo do pomar.

Rondou. Nem viva alma. Nem sequer o ladrar de cães. Encarrapitou-se sobre uma sebe de silvas, mediu o salto e zás!

Com a agilidade dum macaquinho africano, ou dum gatinho europeu, cavalgou o muro.

Depressa pulou pela maior laranjeira, arrancando-lhe, a correr as suas bolinhas acobreadas.

Qual não foi o seu espanto, quando a saca começou crescendo, de forma que seria impossível atulha-la.

Para a banda da varzea, as enxadas golpeavam as terras pingues e pelas cerejeiras os pintasilgos esvoaçavam triando.

A tarde baixava lentamente. O toque da corneta do peixeiro vibrou no ar.

Se um guarda apparecesse de repente! As faces emagrecidas do José, afoguearam-se-lhe de vergonha e de terror.

Não descansava um minuto, metade das arvores tinham já sido desnudadas de suas contas de oiro, mas o maldito sacco parecia uma monstruosa serpente, coleando o pomar a todo o comprimento, e reclamando, insatisfeita...

(Continúa na página 4)

OS SETE CASTELOS

POR MARIA ROSA RÉSÉDA

DESENHOS DE EDUARDO MALTA

(CONTINUAÇÃO DO NUMERO ANTERIOR)

Ao mesmo tempo sentia-se impelida suavemente para os feixes animais. Então, fitando-os com insistência, aproximou-se deles. Os leões preparavam-se para lhe saltar em cima e redobram os rugidos de tal maneira que o castelo estremeceu todo como se fosse feito de papel. Corajosamente, Micaela passou por o meio deles e os leões como que admirados que alguém os não receasse, nenhum mal lhe fizeram. Ao chegar ao cimo da escadaria outro perigo a esperava, talvez mais terrível ainda. Com as guelras escancaradas e o pelo eriçado, um magnífico leopardo aproximava-se lentamente, como que ante-gosando a delícia de saborear aquela carne fresca e tenrinha. Micaela, pálida e imóvel, pensava que desta vez não se livraria da morte; mas, lembrando-se que o Génio do Bem a protegia, esperou mais confiada. O leopardo, «um formidável salto, caiu sobre ela. As suas possantes garras estenderam-se para dilacerar, esfarrapar, o corpo da pastorinha, os dentes agudos e ferozes preparavam-se para devorar com sofreguidão o rosto lindo de Micaela. Mas então um milagre se deu: as garras da fera começaram a encolher, a encolher, até que ficaram em

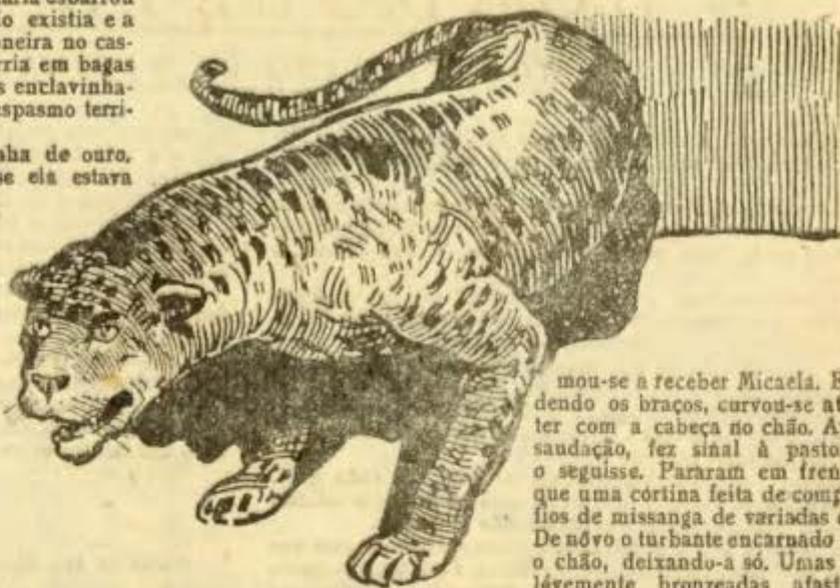
nada, os dentes caíram todos e ao tocarem no chão desfaziavam-se em pó. Sem garras, nem dentes, tornava-se inofensivo. Com outro salto medonho desapareceu na escuridão de uma porta, como que envergonhado do que lhe acontecera. A pastorinha continuou percorrendo o castelo. Mas nada mais lhe estorvou o caminho.

Quando voltava para sair dali, surgiram-lhe de repente uns olhos chamejantes como brasas e uma coisa mole, saltando silvos agudíssimos, se enrolou no seu corpo, em redor do seu pescoço de cisne. Era uma víbora. O reptil apertava-lhe o pescoço, sufocando-a quasi e mostrava-lhe os dois dentes possuidores do terrível veneno que em breve iria injectar no sangue puro da pastorinha. Micaela não fez o menor movimento para se defender. Apenas cerrou os olhos para não ver o repugnante e terrível reptil. Estranhando não sentir já o aperto da víbora no pescoço e sentindo os movimentos livres, descerrou as palpebras. A víbora havia desaparecido; no seu lugar, posta elegantemente sobre os ombros, estava a pele de uma boá. A pastorinha deitou fora a pele da boá e olhando para o relógio, verifi-



cou que só faltavam três segundos, Afflicta correu para a escada, mas em vés da escadaria esbarrou com uma parede. O portão já não existia e a escada desaparecera. Estava prisioneira no castelo. Dois segundos... O suor corria em bagas pelo rosto de Micaela e as unhas enclavinavam-se na parede nua e fria num espasmo terrível. Um segundo...

De súbito lembrou-se da bolinha de ouro. Mas como havia de descobri-la se ela estava misturada com as outras e nenhum sinal tinha que a evidenciasse? Meteu a mão na algibeira e, como se ela fosse um iman, a bolinha de ouro correspondente ao Castelo de Ferro, agarrou-se-lhe aos dedos esguios e elegantes e ficou pegada como se tivesse pez. Dum fôlego,



mou-se a receber Micaela. Estendendo os braços, curvou-se até bater com a cabeça no chão. Após a saudação, fez sinal à pastorinha o seguisse. Pararam em frente de que uma cortina feita de compridos fios de missanga de variadas cores. De novo o turbante encarnado tocou o chão, deixando-a só. Umhas mãos levemente bronzeadas afastavam lentamente os fios de contas e um rosto oculto por vaporoso véu es-



Micaela murmurou fitando-a :

— Socorre-me Génio do Bem! Vale-me nesta aflicção.

Iustamente a parede sumiu-se e o portão de ferro apareceu no seu lugar. Achando-se de novo na estrada, Micaela soltou um suspiro de alívio e ao mesmo

tempo de desânimo, lembrando-se que ainda tinha de percorrer seis castelos. Que perigos e tentações iria encontrar?

Sentindo de repente uma grande comichão nos dedos, olhou... Uma linda borboleta dourada encontrava-se no lugar da bolinha de ouro, e as suas asas batiam docemente prestes a levantar vôo... Micaela estendeu os seus lábios de rubi e beijou-a carinhosamente. Após aquela carícia que ela parecia esperar, a borboleta desapareceu, escondeu-se entre as pétalas de uma rosa. Outra bolinha de ouro saltou, rebelou pela estrada fóra... Micaela seguiu-a.

Em frente de um portão todo florido, a bolinha de ouro meteu-se de novo na algibeira do avental.

Haviam chegado. Mas onde está o castelo? dizia Micaela enquanto percorria, encantada, as ruas areadas de um jardim maravilhoso. E era na verdade uma maravilha! As flores mais raras e belas dispostas artisticamente, enchiam por completo o jardim, e o perfume que exalavam era tão delicioso e suave que Micaela, radiante, respirava-o a plenos pulmões.

Esteve tentada a colher uma linda rosa rubra, que se estendia para ela tentadora. A mão estava quasi a tocar a haste sem espinhos, quando de súbito uma força invencível puxou-lhe o braço para traz.

Rapidamente Micaela voltou as costas à traiçoeira rosa, pois compreendera que o Génio do Bem não queria que ela a colhesse. Continuou à procura do castelo, mas tudo de balde. Um enorme lago, cujas águas pareciam de prata, empediu-lhe o caminho.

Ao centro do lago, um repuxo scintilante, de mil cores, maravilhou a pastorinha. Impelida por uma força oculta, a água de mil cores elevavasse muito alto e no ar transformava-se em todas as pedras preciosas que existem no mundo. Ao caírem no lago, espalhavam-se graciosamente pela água, tornando-se então em peixinhos encarnados, verdes, brancos, azuis, consoante ás cores das pedras preciosas, súbito, as águas abriram-se, pondo a descoberto uns degraus de coral. Micaela desceu a escada e as águas fecharam-se novamente. A pastorinha deparou-se enfim o segundo castelo, construído em cristal encrustado de perolas e brilhantes. Um negro, forte e espaduado, com um grande brilhante encarnado e o peito cheio de tatuagens, aproxi-

preitou. Era uma mulher trajando à moda oriental.

Os olhos de esmeralda, uns olhos cheios de mistério, que nenhum véu encobria, fixaram-se em Micaela.

Olhando-a sempre pegou-lhe na mão direita e encaminhando-a para um canto da sala, também mobilada à moda do Oriente, fê-la estender num confortável «divan», repleto de almofadas.

A atmosfera do aposento, carregada de perfumes estonteantes e violentos, estava pesadíssima. A pastorinha sentia-se devéras, completamente estonteada, os membros cheios de moleza e inação. Sentia ao mesmo tempo um torpor delicioso invadir-lhe o corpo. O cérebro começou a enfraquecer, a enfraquecer, e... esqueceu-se que só podia estar sete minutos em cada Castelo e os segundos iam passando sem que ela desse por isso.

Se Micaela atentasse bem na moira, veria, através a transparencia do véu, um sorriso de satisfação repuxar os cantos da boca da oriental, mas a pastorinha não reparava em nada, cada vez mais tonta e traca. A moira deixou-se cair sobre uma almofada e os seus dedos levemente bronzeados, principiaram a tocar docemente as cordas de uma harpa de cristal. Acompanhando a música uma canção melodiosa saiu da garganta privilegiada da moira, ecoando por todo o Castelo, em notas quentes e vibrantes, cuja linguagem desconhecida era doce como o mel...

O sorriso vincou-se mais no rosto misterioso da moira e a a sua voz, tornou-se mais quente e maviosa.

Os lindos olhos da pastorinha, iam-se fechando lentamente... Entanto, lá em cima, no jardim maravilhoso, uma pomba branca segurando no bico uma aveia de prata esvoaçava numa inquietação por sobre as águas do lago. O canto prosseguia sempre, mais doce, mais suave, e a pastorinha embalada pela canção melancólica, deixava-se adormecer, caminhar para o abismo.

Os segundos voavam... Os ponteiros impassíveis, continuavam a sua marcha, quasi a chegar à hora marcada. A pombinha branca, cheia de aflicção, deixou cair no lago a aveia de prata, as águas secaram e os degraus de coral apareceram. Cessou o canto e a harpa começou a gemer, a gemer e depois a soluçar... A razão voltou a Micaela! Erguendo-se imediatamente, passou pela moira, que era agora um bloco de pedra. Mais adiante deparou-se-lhe uma magnífica esttua de bronze. O turbante encapado caído junto da esttua, semelhava-se a uma mancha de sangue...

A pastorinha galgou rapidamente a escada de coral, atravessou, correndo, o jardim, que se transformara num montão de flores murchas, exalando um cheiro insuportável. Outra borboleta, mas essa branca como a neve e transparente como a água cantante duma fonte, saiu do bolso da pastorinha e perdeu-se ao longe, deixando cair, atrás de si uma chuva de pequeninos brilhantes.

(Continua na página 6).

A BORBOLETA AZUL

(CONTINUADO DA PÁGINA 1)

Súbito, azul, muito azul, da cor das boninas e das flores do almeirão, uma borboleta veio redopiar à volta do José.

Ante o maravilhoso insecto, tão delicadamente colorido, que semelhante um goivo singelo, levado pelos ares, por aragem do norte, José parou, boquiaberto, de sua desonesta faina.

Fixando melhor, notou, oh! espanto! que as diafnas azinhas se materialisavam, corporisando-se em linda Fada-Azul, que veio poisar-lhe sobre os ombros.

— Sou a madrinha dos infelizes. Meu reino é nas nuvens violáceas, que ao sol-pôr aparecem no horizonte.

De lá expreito as lágrimas e as dores que sem cessar percorrem o raundo de les a les. O teu sofrimento comoveu-me, e resolvi falar-te para teu bem.

Brisas trioreatas anunciavam a noite. A fada Azul, aconchejou-se em seus mantos de anil e o José aparvalhado e tonto, batia o queixo, castanholando os dentes.

— «Vives com a bruxa Ladra. Acompanham-na sem que tu as presintas, as Feiticeiras da Treva. Projectam as piores injustiças e esta fruta fresca era destinada a uma enorme maldade.

A lenha que incessantemente lhe acarretas para casa, serve para aquecer os enormes caldeirões de drogas peçonhentas, que ela envia para as grandes cidades e para as vilas adormecidas, através das moscas-verdes, dos moscardos, das vespas e dos mosquitos. Pobre humanidade!

Tu proprio, pequeno rapazinho de sangue real, arrebataram-te de teu bercinho de sandalo e prata, afim de avil-

tarem teus pais, poderosos senhores, que justamente castigaram a fada da Inveja.

Afim de quebrares o teu encantamento, necessitas de muita coragem e de muito sofrer.

Estás disposto a tal? Dize-me.»

Tremendo, o José agarrou-se à varinha de condão que a fada Azul, sustinha na dextra.

— Ainda que chore lágrimas de sangue e que meu corpo desfaleça de dór, prefiro tudo, a voltar para o antro infernal da bruxa Ladra.

Telitaram ao longe, as campainhas dos rebanhos. A fada Azul abriu as azas de seda e pela mão, segurou José que se sentiu impulsionado a voar...

Badalavam ao sul as Avé-Marias e pelos campos fora tudo era recolhimento e paz!

Breve se encontrou José, atravessando esta nuvensita violeta e entrando então no Reino-Azul.

Esperavam-no ali maravilhas sem fim.

Cobriam inteiramente o chão, tapetes de florinhas de todas as gradações do azul. As arvores eram indigas e em esse lago adormecido vogavam cisnes com a plumagem da cor do ceu de Junho.

No alto de uma escadaria scintilante de azul elevava-se o palácio da fada parecendo ao longe certa safira lapidada que um monarca poderoso houvesse colocado ali.





Extasiado penetrou José numa sala esplendida, onde tudo o que existia tinha a cor do anil.

— Contemplas atônito o meu domínio, quando afinal bondade é melhor e vale mil vezes mais, do que esta pobre parcela colorida que Deus criou para regalo dos mortais.

Sou a fada Azul. Meu marido é o Altruísmo e eis o que é grande e o que agrada a Jesus.

Ele virá sujeitar-te ás pesadas provas do sacrificio. Quantos egoístas teem fraquejado ante elas!

Anima-te! Sé forte e vencerás as feiticeiras da Treva.

Nêste instante afastou-se um enorme cortinado de veludo colbato, dando entrada ao cavaleiro do Altruísmo cuja armadura brilhava esplendidamente.

Fitou o José com seus puros olhos azuis-claros e magicamente a sala preencheu-se de multidões de aleijados, surdos, mudos e cegos. Carpiam tristemente as suas misérias.

— «Nascemos ceguinhos. Nunca saberemos a fórma e a cor de tudo que palpita à nossa-róda.

Como serão o sol, as flôres e as creancinhas?

Bastava-nos uma pupila tua para logo deixar para sempre a nossa treva. Ficas ainda com outra pupila para gosares a vida, dafnos um dos teus olhos!»

— Viemos ao mundo surdos e aquêles mudos, jámais escutaremos o cantico das aves, o ruído das ondas e as doces frases humanas... Eles nem saberão xpremir-se sequer!

Um ouvido teu e metade da tua lingua chegava para nos dar a maior ventura... e tu continuarias gosando dos sons e da felicidade de poder trasmitires pela fala os teus pensamentos.

— Ignoramos o prazer de caminhar e de poder trabalhar. Tem dó de nós, tu que possues os teus membros completos e sãos. Dai-nos um braço, e uma perna tua!»

José soluçava baixinho. Confrangia-lhe a alma esta aluvião de desgraçados.

— «Ofereço-me inteiramente. Busquem sobre mim todas as vossas curas».

Dois físicos de barbas bíblicas se apoderaram de duas

grandes facas e serras extraíndo e amputando o pobre José que desfalecera de dôr.

Nêsse quarfinho infantil, ternamente arraujado, por certa mãe-artista, um bondoso clinico sorria para dois alquebrados antes que choravam de alegria—os Pais de José— Viram-no á morte...

Sómente, hoje podiam novamente esperar. A doença fizera trfise... e a saúde vibrante e radiosa, saíra vencedôra do tormentoso combate.

Débil e enfraquecido o José reavia a pouco e pouco as suas perdidás côres.

Porém não olvidára mais o que o delirio da febre lhe fizera crear. Durante dias torturava os Pais com as perguntas mais absurdas a propósito da Fada-Azul, do Cavaleiro Altruissimo, e de como conseguira reaver os seus membros amputados. Não fôra verdade! Fôra tudo um sonho!

Melhorou a correr.

O José que era indiferente à natureza, começou a amar sem limites as lindas borboletas, os ceus sem nuvens e os mares azuis.

Até adquiriu cuidado para com os seus fatinhos á maruja da cor do grande reposteiro de veludo da bela sala azul.

E agora em segredo: José que era um todo nada egoísta, afastou para longe êsse feio sentimento pois que o Cavaleiro do Altruísmo o acompanhava sempre.

E a Mãesinha-Artista pegando nos pinceis, donde extraía lindos quadros de animais esboçára uma manhã —a Borboleta Azul—

José vibrou de comoção e o quadro afinal foi premiado pelo «Salon».

F I M

OS SETE CASTELOS (Continuado da página 3)

Micaela continuou percorrendo os castelos, encontrando sempre as maiores provações. Mas de todas elas saiu vencedora, graças ao seu protector o Genio do Bem. Faltava-lhe apenas visitar o sétimo castelo e após seria a felicidade. Pensando em coisas lindas, Micaela seguia maquinalmente a última bolinha de ouro. De repente a bolinha deu um salto tremendo e a pastorinha erguendo os olhos que conservava fixos no chão, soltou um grito de espanto ao deparar-se-lhe o sétimo castelo. Todo vermelho, a deitar para côr de fogo o ultimo castelo parecia estar em chamas. Só de fitá-lo a pastorinha sentia umas picadas nos olhos e um ardôr insuportavel. Lá dentro tudo era vermelho tambem: os moveis, as paredes, os sobrados, os estôlos, os objectos, etc. Depois de o percorrer de fio a pavio, (pelo menos Micaela assim o pensava), sem encontrar, desta vez, qualquer provação, Micaela, muito contente, dispunha-se a abandonar o castelo, quando, repentinamente, descobriu uma salinha que não vira ainda.

Que coisa extraordinaria! Tinha a certeza que já havia passado por aquelle sitio e que então a salinha não existia. Entrou. Relanceou a vista pelo aposento. Os seus olhos fitaram admirados um cartão branco, com o seu nome escrito em grandes caracteres vermelhos, seguindo-se outras letras tambem vermelhas, mas estas tão pequeninas, tão miúdinhas, que, do lugar onde estava, Micaela não as podia lêr. O papel estava encostado a uma caixinha de xarão vermelho, a qual se encontrava em cima de uma mesa de pé de galo.

Cheia de curiosidade, Micaela aproximou-se e leu o seguinte:

— « Micaela, linda pastorinha: »

Sei que procuras a felicidade de que aliás és bem merecedora, mas só a encontrarás se abrires esta caixinha de xarão, cuja chave se encontra escondida debaixo do pano encarnado que cobre a meza de pé de galo. Assim que a tiveres em teu poder, abre depressa a caixa e, então serás para sempre feliz.

« Um amigo, que só deseja o teu bem. »

A felicidade!... Aquella palavra tão simples na apparencia, mas tão grande no sentido, fazia vibrar de entusiasmo e emoção a linda pastorinha.

E agora essa felicidade apenas dependia dela. Fêbril-

mente procurou a chave e encontrou-a logo. Meteu-a na fechadura mas, antes de dar a volta hesitou: quem sabe se não seria uma cilada armada pelo Genio do Mal? o Genio do Bem prevenira-a que se acautelasse.

Resolveu não abrir a caixa e fugiu para a porta, disposta a sair dali.

Porém, instintivamente olhou a caixinha e o cartão, e algumas palavras destacaram-se, dançaram diante dos seus olhos: « Sei que procuras a felicidade... Só a encontrarás se abrires esta caixinha de xarão... Então serás para sempre feliz... »

Três vèzes pôs a mão na chave, mas sem coragem de abandonar a salinha.

O demónio da curiosidade dominara-a por completo. Não se iria embora do Castelo, sem saber o que continha a caixa. A mesma voz que ouvira no primeiro Castelo e que supunha ser a do Genio do Bem, gritou-lhe:

— « Foge, Micaela, deste lugar maldito. Não abras a caixinha que contem, não a tua felicidade, mas sim a tua infelicidade. O Genio do Mal imaginou esse estratagemma para te perder. »

De nada serviu o aviso do Bom Genio. Micaela que soubera resistir às tentações dos outros Castelos, e, essas muito piores, não pôde resistir à curiosidade que a aguçava.

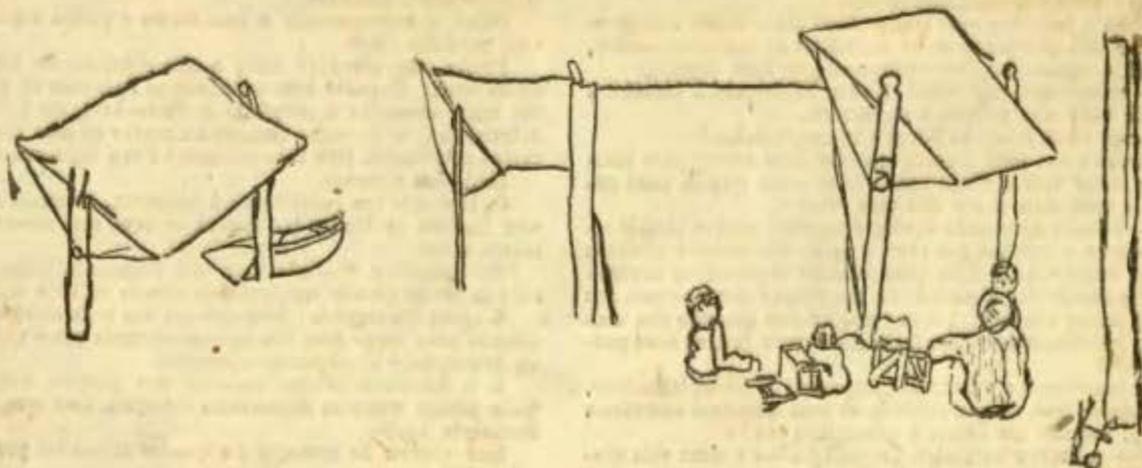
Já não era bem a posse da felicidade que a preocupava, mas sim o desejo enorme de saber o conteúdo da caixa tentadora. Nervosamente deu uma volta à chave, porém não completou o seu trabalho, porque um balido muito triste, mas bem seu conhecido, a interrompeu: era a voz de Brancuitta, a ovelhinha desaparecida.

Cada vez que tocava na chave, o balido repetia-se. Intrigada, Micaela procurou-a na salinha, debaixo dos moveis, dentro de uma grande arca que se encontrava a um canto; mas tudo em vão. Então num desespero e numa impaciência levantou a tampa da caixa e cheia de curiosidade, curvou o lindo rosto para melhor a examinar. Um forte cheiro a enxôfre, obrigou-a logo a deitar a cabeça para trás. Enormes e espessos rôlos de fumo, principiaram a sair da caixa, espalhando-se rapidamente o fumo por toda a salinha. O cheiro do enxôfre aumentava consideravelmente. Meio sufocada, Micaela, tentava alcançar a porta, mas o fumo cegava-a impedindo-a assim de fugir. Era o castigo da sua curiosidade!

Misturados com o fumo apareciam agora grande linguas de fogo.

CONTINUA NO PRÓXIMO NUMERO

Colaboração infantil



Admiravel desenho do menino Frederico Bénard Guedes, de 7 anos de idade.

(Cópia do natural)

HORA DO RECREIO

JOGOS DE PACIÊNCIA



Com berlines de vidro ou quaisquer outras bolinhas, que se esforçaráo por meter no interior da caixa pequena, está feito o jogo.

Como vêem, para isso é precisa uma paciência... igual á do vosso

Rua do Século, 43

TIOTÓNIO

Duas tampas de caixas de cartão, constituem o material preciso para estes jogos, em que é precisa, principalmente, muita paciência.

Para o primeiro:

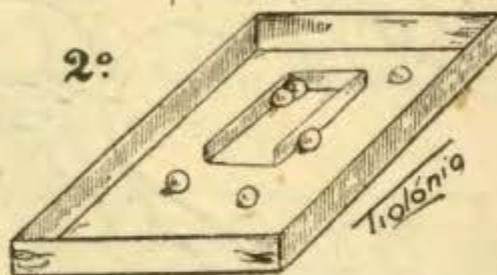
Recortam-se umas rodela de cartão.

Na tampa faz-se um círculo preto do tamanho das rodela.

O ganhar, consiste em tapar com as duas rodela os círculos pretos.

Para o segundo:

Uma caixa de cartão mais pequena, colada sobre a outra.



PALAVRAS CRUZADAS

1	2	3			4	5	6	7	
e	a	a			l	i	d	a	
8				9	10		11		12
a	v			r	i		r	e	x
12			13					14	
p	e		e					s	a
a		15		16			17		
		r		l	a		a		t
	18		19			20		21	
	d		s			a		g	
	22					23			
	a		l			l		u	
24				25	26				27
e			a	l	a		a		m
28	29		30					31	
a	s		g					e	
32		33		34			35		
s	r	r		n			a		
36						37			
a	m		e			e			
			i			a			

Decifração da adivinha

HORA DO RECREIO

- Holanda
- Japão
- França
- Hespanha
- Dinamarca
- Equador
- Argentina
- Inglaterra
- Columbia
- Brazil
- Chile
- Belgica
- Portugal

António Mendes Nunes

Solução do número anterior

PELA JANELA

POR
OLAVO
DE
EÇA LEAL

(ILUSTRAÇÃO DO AUTOR)



O meu canário amarelo,
quási da côr do cabelo
da Maria Manuela,
fugiu pela portinhola
da sua linda gaiola
pendurada na janela...

para matar a saudade
daquela velha amisade
fiquei tocando viola,
debruçado na janela,
olhando a linda gaiola
toda em metal amarelo
que parecia um novelo
de linha loira, amarela...

e de tanto entristecer
fiquei doente, a morrer...
fui acender uma vela
à Senhorinha d'Agrela
na esperança de encontrá-lo;
mas não torno mais a vê-lo
porque fugiu para o Céu,
foi poisar no sete-estrela
e só posso compará-lo
à alma da Manuela
que fugiu pela janela
há dias, quando morreu!

Outubro—1927.

FIM